

O VOCABULÁRIO

Em dois anos o *Vocabulário* alcançou a 3ª edição, comprovando, assim, a qualidade do trabalho e da investigação científica e lingüística realizada pelo venerando mestre e emérito Francisco da Silveira Bueno.

O *Vocabulário* refere-se ao tupi-guarani ou ao NHEENGATU. O tupi, gramaticalizado por Anchieta, era a língua legítima dos índios e não se confundia com a língua geral falada pelos colonos e seus descendentes. Foi a língua da catequese dos jesuítas.

O guarani é um dialeto do tupi e foi falado desde São Vicente até ao Paraguai, onde é, ainda hoje, se bem que muito influenciado pelo castelhano, a língua da população. O primeiro grande conhecedor do guarani foi Antônio Rodrigues por ter vivido vinte anos no Paraguai e foi levado pelo Padre Nóbrega (1556) para a Bahia, onde se fez jesuíta.

Nesse campo da língua tupi e do dialeto guarani há muita confusão entre os estudiosos brasileiros.

Silveira Bueno assim se expressa sobre o seu trabalho *O vocabulário*:

"Dicionário e não gramática — Embora não possa existir gramática sem primeiro existir o vocabulário, não tratamos senão de palavras e nunca de regras gramaticais. Coligimos palavras expressões, e, sempre na esfera vocabular, decomparamos muitas palavras em seus elementos constitutivos com o fito da semântica, isto é, para que os simples consulentes possam compreender o significado completo do termo. Apontamos, com muita frequência, mas não sempre, as diferenciações de significado que alguns vocábulos nos oferecem nas várias partes do país. Para os que desejarem estudos de gramática, aconselhamos como única obra de real valor o Curso de Tupi do Pe. A. Lemos Barbosa-Livraria S. José-Rio. As famosas, ao menos, historicamente, gramáticas do Beato José de Anchieta, dos padres Restivo, Figueira podem ser consultadas, nunca, porém, tomadas como indispensáveis ao conhecimento do tupi ou do guarani. Pensamos que, ainda nos tempos em que foram publicados, poucos auxílios trouxeram aos que tinham necessidade de aprender os dialetos nativos. Ademais, em nossa época, ninguém há que tenha a veleidade de falar tupi ou guarani. O nosso trabalho é apenas de coligir e reunir os diversos vocabulários sem entrar em discussões filológicas ou lingüísticas."

O livro se divide em quatro partes:

1ª) Introdução — visão geral da problemática da língua tupi e guarani.

2ª) *Vocabulário geral*, coletado por Silveira Bueno, além de andar o *Dicionário da Língua tupy*, chamada língua geral dos indígenas do Brasil por A. Gonçalves Dias. Lipsia: F. A. Brockhaus, livreiro de S. M. o Imperador do Brasil, 1858.

A primeira página desta parte reproduz textualmente a capa do *Dicionário* elaborado pelo grande poeta Antônio Gonçalves Dias. É de grande valor a sua inclusão nesta obra.

3ª) Alguns topônimos: nomes de rios, de montanhas e serras que muitas vezes deram os seus nomes a cidades, a vilas e simples povoações. Longe de estar completa a lista de topônimos, faltam para completá-la muitíssimos outros nomes de lugares porque o número deles é quase infinito.

4ª) Comunicação feita pelo autor no 1.º Congresso Internacional de Dialectologia Geral em Louvain, 1960 "Les langues indigènes du Brésil et leur influences sur le Portugais".

O vocabulário de Silveira Bueno é uma obra fundamental para o estudo do tupi-guarani antigo e base para quaisquer investigações lingüísticas das línguas indígenas no Brasil, Paraguai e Argentina.

SILVEIRA BUENO, Francisco de. Tupi-guarani português. 3.ed., São Paulo, Brasileiros Editora e Distribuidora, 1984.

Ir. Elvo Clemente

BUKOWSKI E SUAS MULHERES

O alter ego de Bukowski, Henry Chinaski (ver os dados biográficos do personagem: a maioria coincide com os do autor) narra a retomada de sua atividade erótico-efetiva aos 50 anos, após 4 de abstinência sexual. Escritor, é convidado para recitais de poesia na cidade onde vive, a poluída Los Angeles, em várias cidades dos EUA e até mesmo no Canadá. É graças ao renome literário que as mulheres aproximam-se dele, antes de mais nada fascinadas pela glória do irreverente Chinaski. E ele jamais evita as tentativas de contacto feitas pelas ansiosas fêmeas. Empresárias bem sucedidas, garçonetas mais ou menos intelectualizadas, parasitas de penas de ex-maridos, parasitas do Welfare-Warfare State norte-americano em geral, pretensas poetisas e até mesmo uma mística fascinada por um guru megalomaniaco e distante formam o quadro da fragmentada vida erótico-afetiva de Chinaski.

Entre bebedeiras, trepedas e desespero causado pelo abandono sofrido, Chinaski ainda encontra tempo para escrever poemas de amor. Mas este marginal do american way of life está longe de ser apenas um obsessivo sexual. Sua obsessão é a face mais visível de um homem que iniciou seu processo de decadência física e procura enfrentar a lenta aproximação da morte afirmando-se através do sexo.

A bebida entra como um analgésico para a consciência aguda do mundo fragmentado e violento que o cerca no coração de maior potência capitalista do mundo. O completo ceticismo do narrador faz com que perceba claramente a fragilidade das opções existenciais a que se entregam os seres urbanos que o rodeiam, na verdade não muito diferentes dos que existem espalhados por todo o mundo. "Nada estava em sintonia, nunca. As pessoas vão se agarrando às cegas a tudo que existe: comunismo, comida natural, zen, surf, balé, hipnotismo, encontros grupais, orgias, ciclismo, ervas, catolicismo, halterofilismo, vlagens, retiros, vegetarianismo, Índia, pintura, literatura, escultura, música, carros, mochila, loga, cópula, jogo, bebida, andar por aí, iogurte congelado, Beethoven, Bach, Buda, Cristo, heroína, suco de cenoura, suicídio, roupas feitas a mão, vôos a jato, Nova Iorque, e aí tudo se evapora, se rompe em pedaços. As pessoas têm de achar o que fazer enquanto esperam a morte. Acho legal ter uma escolha" (p. 172). É óbvio que, aqui, Chinaski estende sua experiência urbana ao comportamento humano em geral, o que é um equívoco, para não dizer ausência de perspectiva histórica. Mas isso não impede que ele acerte em cheio ao analisar a sua experiência, marcada pelo ritmo frenético e às vezes macabro de seus contemporâneos.

Lúcido e impotente, Chinaski termina o livro buscando estabelecer um relacionamento estável com uma mulher vinte anos mais jovem do que ele. Finalmente ele parece cansado do tobogã afetivo que constitui sua vida até então. Contudo nada garante que um relacionamento possa ter um mínimo de estabilidade em meio à dinâmica de Los Angeles. Para descobrir, só esperando pelo próximo livro de Bukowski-Chinaski versando sobre seu próprio umbigo e arredores.

BUKOWSKI, Charles. Mulheres. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984.

Homero J. Vizeu Araújo

SOBRE O CONTO MARAVILHOSO

Trabalho notável para a Teoria Literária foi desenvolvido pela direcção da Foran-se-Universitária mandando traduzir do russo e publicar o importante livro — *A morfologia do conto maravilhoso*.

A edição e a tradução brasileiras baseiam-se na segunda edição soviética, publicada em 1969 pela Editora Nauka, de Moscovo, da Academia de Ciências da URSS. Nessa edição foi incluído o trabalho de E. M. Meletínski: "O estudo tipológico-estrutural do conto maravilhoso", igualmente traduzido para o presente volume.

A polémica Propp-Lévi-Strauss foi iniciada com o estudo de antropólogo francês sobre o livro fundamental de Propp. Esse trabalho aparece aqui na tradução de Lúcia Pessoa da Silveira, cedida à Editora Tempo Brasileiro. A resposta de Propp — *Estudo estrutural e histórico do conto de magia* — foi traduzido directamente do russo e se encontra no livro.

O livro é denso e fundamental para quem desejar conhecer mais e mais o conto fantástico, sua origem, seu desenvolvimento e seus aspectos críticos.

Ficamos contentes ao ver essas obras em língua vernácula, bem traduzidas, com linguagem acessível e científica ao mesmo tempo.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1984.

Ir. Elvo Clemente

O PERCURSO DE UM PICARETA

Amphilóphio das queimadas Canabrava narra em *O cogitário* boa parte de sua trajetória, que se inicia no sertão nordestino e termina num pardieiro londrino. No curriculum vitae do narrador acumulam-se referências à carreira jornalística feita no Brasil e nos diplomas conseguidos na França. É esperando pelo resultado de um teste para locutor em língua portuguesa da BBC que Amphilóphio procura reconstruir sua experiência, com ênfase no período europeu, o qual começa no início ou pouco antes da década de 70 e estende-se por no mínimo 7 anos até o presente do narrador na suja morada londrina.

Na reconstrução, em que há um óbvio excesso de reticências e pontos de exclamação — quase todos períodos terminam assim —, o narrador faz questão de marcar os traços brasileiros. O sotaque nordestino caracteriza a fala do narrador tanto no passado como no presente, as referências ao miserável Sertão nordestino repetem-se e Amphilóphio não hesita em autodenominar-se um "cabra da peste". Toda esta descontraída imagem brasileira alimentada por letras de samba não esconde, contudo, o parasita internacional que vive de bolsas oferecidas pela "má consciência desenvolvida" ao neto de letifundiário nordestino. Não; Amphilóphio não guarda semelhança com Riobaldo Tatarana ou com Sargento Getúlio. Ele está mais próximo dos intelectuais oportunistas que começam a habitar os romances brasileiros dos anos 70: Hugo Mann, de Francis; Mandrake, de Rubem Fonseca; ou ainda um daqueles apresentados por Antônio Torres em qualquer de seus livros.

A auto-imagem cor-de-rosa que Amphilóphio faz de si mesmo não impede que a lucidez seja arrasadora em vários pontos do romance. A narração da missão redentora que parte de Londres para visitar o faminto Nordeste destrói não só com as falácias do desenvolvimentismo brasileiro mas também ridiculariza as teorias ininteligíveis surgidas nas universidades de Paris e Londres e supotamente aplicáveis visando ao desenvolvimento do Terceiro Mundo. Note-se que é só aí que Amphilóphio esboça um acerto de contas vigoroso com o processo de colonização cultural que seguramente sofreu ao colecionar diplomas europeus. O narrador praticamente não faz referências ao período de estudos na Europa, como se o que tivesse aprendido não pudesse ser ridicularizado ainda. A negação das metafísicas européias se dá apenas na medida em que simplesmente não são referidas no texto, abrindo espaço para o "retorno" às raízes culturais brasileiras.

O final do romance guarda a maior coerência com a trajetória seguida pelo personagem. Amphilóphio termina sua narrativa procurando redimir-se do parasitismo através da sexualidade desenfreada típica do macho latino e da audição entusiástica de MPB, individualizada em um samba de João Nogueira. Mais alimento para a autocomplacência do personagem-narrador, o que, por sinal, o diferencia dos citados Hugo Mann e Mandrake. Nem Francis nem Rubem Fonseca permitem esta atitude a seus anti-heróis.

SABÓIA, Napoleão. *O cogitário*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1984.

Homero J. Vizeu Araújo